



heroisdobrasil.art.br

Serviço essencial, vida descartável: precarização do trabalho no contexto da pandemia de Covid-19

Por Gisele Matos Chaves, historiadora

19 de março de 2020. Primeira morte provocada pelo coronavírus no Rio de Janeiro: mulher, empregada doméstica de 63 anos, trabalhava no Leblon, bairro nobre da capital carioca, teve contato com a patroa que esteve na Itália e contraiu a doença. Esse caso é muito sintomático porque escancara o grau de vulnerabilidade dos(as) trabalhadores(as) que exercem serviços essenciais no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil.

Nesse cenário, estamos falando, especificamente, daqueles(as) que ocupam os postos de trabalho mais precarizados, como trabalhadores(as) de entregas por aplicativo, diaristas, garis, entre tantos outros(as) que, forçados pela necessidade econômica, precisam continuar trabalhando presencialmente em uma conjuntura tão hostil. A maioria desses(as) trabalhadores(as) são pobres, pretos(as) e/ou pardos(as) que, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Propaganda e Estatística (IBGE) divulgada em junho de 2020, são as principais vítimas letais da doença.

Desde o início da pandemia, no cumprimento de suas atividades cotidianas, esses sujeitos estão expostos às mais variadas formas de violência: correm o risco de se infectarem e de propagar o vírus para seus familiares; de não receberem atendimento e/ou tratamento adequado nos hospitais públicos, devido à sobrecarga do SUS; vivenciam o esgotamento físico e mental, dado que muitos(as) tiveram suas jornadas de trabalho ampliadas sem reajustes salariais satisfatórios; não podem usufruir de direitos como o isolamento social, dado que o Estado não lhes oferece condições mínimas para garantir sua sobrevivência.

Testagens frequentes para verificar se há infecção por coronavírus? Não. Vacina? Por enquanto não há estimativa de calendário para a maioria deles/delas. Auxílio emergencial? Desse jeito, as contas do Estado não fecham. Enquanto isso, a doença os(as) mata. Diariamente. E se não morre de Covid-19, morre de fome, visto que, em um ano de pandemia, o preço dos alimentos subiu quase três vezes a taxa de inflação do período, que ficou em 5,20%, conforme informação divulgada pelo IBGE em março de 2021.



heroisdobrasil.art.br

Há que se considerar que, além de lidar com todas essas questões, esses(as) trabalhadores(as) não estão imunes à discriminação e ao racismo estrutural, sentido na carne com ou sem pandemia: quem não se lembra do caso de Matheus Pires da Rocha, *motoboy* humilhado por um morador de um condomínio em Valinhos (SP), durante uma entrega de pedido realizado via aplicativo? Em uma rápida pesquisa no *Google* é possível identificar inúmeros relatos de profissionais dos serviços essenciais denunciando a exploração, o desrespeito e o desprezo para com sua pessoa e seu trabalho.

Cabe lembrar que a sociedade brasileira tem suas raízes fincadas na escravização africana e indígena. Assim, há mais de três séculos, os cuidados com o lar, os trabalhos manuais e as atividades que exigiam esforço físico eram realizadas por esses sujeitos, sendo, portanto, desvalorizadas e invisibilizadas. Nesse contexto, os membros das camadas sociais mais abastadas dedicavam-se ao ócio e às atividades ligadas à intelectualidade, altamente valorizadas.

Essa herança nos persegue até os dias atuais, inclusive. Nas lógicas de produção e exploração capitalista neoliberal, é possível notar que os corpos que realizam as atividades essenciais só são importantes quando lhes convém, ou seja, quando gera lucro. Quando não, paira o desinteresse em enxergar a humanidade desses sujeitos, que seguem sendo animalizados e inferiorizados a todo o momento. Apesar de dependerem dos trabalhos desenvolvidos por determinados(as) profissionais, muitas pessoas invisibilizam suas atuações, diminuindo a importância das atividades que executam, por estarem ligadas à mentalidade escravista de outrora. Para o sistema, os trabalhos tidos como “essenciais” são importantes para fazer a roda do capitalismo girar, permitindo a recuperação econômica e a manutenção dos privilégios de poucos. A vida desses(as) trabalhadores(as), contudo, é descartável e deve ser sacrificada em prol de um “bem maior”.

Ainda nesse contexto desolador, os(as) trabalhadores(as) dos serviços essenciais persistem, articulam-se e seguem na luta por direitos. Esbravejam suas indignações nas redes sociais; denunciam as posturas vexatórias e exploratórias de seus patrões; organizam manifestações e greves reivindicando melhores condições de trabalho e de atuação no contexto da pandemia, enfim, afirmam sua humanidade, dignidade e cidadania. Mostram-se como, de fato, são essenciais.

Sem os serviços dos *motoboys*, dos(das) profissionais da limpeza e de serviços gerais, dos(das) trabalhadores(as) de supermercados e farmácias,



heroisdobrasil.art.br

dos(das) motoristas de aplicativo e do transporte público, dentre tantos outros(as) profissionais, muitas pessoas não conseguiriam sobreviver nesse contexto de pandemia. O isolamento social só se tornou possível para uma parcela da população porque houve muitas pessoas trabalhando arduamente na linha de frente não só nos hospitais, mas também em outros setores importantes.

Através de suas atividades, essas pessoas entregam à sociedade um dos valores mais importantes: o cuidado com o próximo. Eles/elas também necessitam e merecem ser cuidados! Suas vidas e seu trabalho devem ser mais valorizados e respeitados, não só através das palavras, mas de ações concretas, que forneçam a esses sujeitos oportunidades de vida mais justas e dignas. Não há como imaginar um “novo normal” para o pós-pandemia, se, agora, diversos grupos sociais são destituídos sua humanidade e dignidade, direitos fundamentais celebrados na Constituição Federal de 1988.



Gisele Matos Chaves tem 28 anos, é cria do Capão Redondo (zona sul / SP) e formada em História pela FFLCH-USP (2018). Atualmente trabalha como autora e editora de materiais didáticos, professora da rede pública estadual de São Paulo e educadora do Cursinho Popular do Capão, movimento social de educação popular. Desenvolve pesquisas independentes nas áreas de educação, história local e relações étnico-raciais. Sua família é de trabalhadores(as) dos serviços essenciais: pai é gari e mãe trabalha em casa, mas atuou como empregada doméstica na adolescência para garantir seus estudos. Foi a primeira da família a entrar na universidade e, hoje, tem a possibilidade de apoiar seus pais na construção de um futuro mais ameno para e, também, de contribuir na luta por uma educação anticolonial e antirracista para jovens da quebrada.

APOIO



REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

